

Entrevista com Gabriel Mario Rodrigues **Por Paulo César Brant**

Entrevista publicada na Revista Responsabilidade social.
Ano 1, n. 1 – ABMES – 2006

PC Brant – Desde que assumiu a presidência da ABMES, em junho de 2004, o senhor tem falado sobre a necessidade de uma campanha de valorização das IES particulares sob o aspecto da interação com a comunidade. Quando e como o senhor percebeu que a campanha poderia se viabilizar com o Dia Nacional da Livre Iniciativa?

As instituições particulares de ensino superior desenvolvem diversas atividades voltadas para o atendimento à comunidade, em diversas áreas do saber. Entretanto, a divulgação dessas atividades junto à sociedade não é realizada de forma intensiva e, muitas vezes, as pessoas não sabem do amplo espectro, da riqueza e profundidade dos trabalhos que vêm sendo desenvolvidos há muitos anos. Ao assumir a presidência da ABMES, refleti sobre a necessidade de aprofundar a divulgação e a valorização de toda essa imensa gama de atividades que envolvem responsabilidade social – não apenas para a sociedade como um todo, mas também e especialmente para a comunidade do entorno, que pode ser mais amplamente beneficiada a partir dos serviços e atendimentos oferecidos. A partir dessa reflexão, e da colaboração de todos os envolvidos, foi possível criar e viabilizar o Dia Nacional da Livre Iniciativa – Compromisso Social do Ensino Superior Particular.

PC Brant – Segundo o ABMES Notícias, a campanha veio para ficar. O senhor pensa em inovações? Quais poderiam ser elas?

As inovações fazem parte de toda ação planejada para ser duradoura. Para este ano pesquisamos o estabelecimento de novas interfaces com órgãos públicos estaduais (Secretaria do Estado de Assistência e Desenvolvimento Social) e municipais (Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social), bem como o planejamento de ações de alcance internacional.

PC Brant – A campanha recebeu mais elogios do que críticas. O que o senhor considera, durante o processo de realização do “Dia”, como fatores de maior valor para os dirigentes das IES? E para os alunos e professores?

Para o conjunto das instituições envolvidas, a realização do “Dia” possibilitou a convergência de esforços, ações e reflexões a partir do foco em responsabilidade social – essa oportunidade permite que se observe as múltiplas perspectivas sob as quais se pode compreender, transformar e intensificar as ações sociais dentro do ambiente acadêmico. As escolas superiores são instituições formadoras, que preparam jovens e adultos para atuarem na resolução de problemas em um mundo permeado por conflitos que, em sua maioria, têm origem em desarmonias sociais. Nessa perspectiva, para os dirigentes das IES é relevante e fértil articular ações dessa natureza; para os professores é uma possibilidade de promover a inserção, de forma concreta, do corpo discente em ações de relevância social, justificando a importância de se partilhar os saberes adquiridos; para os alunos é uma oportunidade de se comprometerem como cidadãos, indo além de sua condição de universitários.

PC Brant – Na sua avaliação, daqui para a frente a comunidade, a sociedade, vai assimilar a campanha do “Dia”, ou seja; fazer a ligação direta com o setor particular do ensino superior?

Acredito que sim, por uma série de motivos, mas isso não me parece a questão fundamental. O mais importante, sob o meu ponto de vista, é que as instituições de ensino superior particulares (IES), por meio das ações do “Dia”, criam uma rede de valorização das comunidades de seu entorno e justificam seu papel de formadoras de cidadãos socialmente responsáveis. Não é mais possível viver em um mundo onde os saberes produzidos sejam partilhados apenas com uma pequena parcela da sociedade, capaz de ter acesso ao ensino superior; o “Dia” possibilita que as comunidades possam ter acesso a esses saberes de forma concreta, por meio de serviços que possibilitam desde melhores condições de saúde e exercício da cidadania, até o aumento da auto-estima daqueles que, muitas vezes, são fortemente desvalorizados por uma sociedade cada vez mais consumista e hedonista.

PC Brant – Falando em setor particular, como o MEC vê esse tipo de campanha? Existem preconceitos por parte do governo federal?

E como anda o relacionamento desse setor com dirigentes do ministério da Educação? O relacionamento entre as IES particulares e o MEC é muito bom. Mas, como ocorre em todos os relacionamentos, as partes envolvidas têm, muitas vezes, opiniões diferentes sobre os temas. Penso que todos devem trabalhar e se empenhar para tornar essa relação (MEC/instituições particulares) cada vez melhor e mais transparente, pautada por valores éticos que priorizam as ações que têm por objetivo contribuir para a transformação da realidade social, tornando nosso País mais justo e harmônico.